



O rótico retroflexo na Região Metropolitana de Porto Alegre

The retroflex rhotic in Porto Alegre Metropolitan Area

Júlia RICARDO*

Luiz Carlos da Silva SCHWINDT**

RESUMO: Neste estudo se aborda o uso de róticos em posição de coda na Região Metropolitana de Porto Alegre, particularmente a articulação retroflexa, na perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1966, 1972). O estudo é composto por 45 entrevistas do *corpus* Ricardo-Schwindt, abrangendo 5 cidades da região. Os resultados indicaram baixa presença do rótico retroflexo na Região Metropolitana em comparação com outras variedades do português brasileiro, mas um aumento significativo quando comparado ao seu uso na capital, Porto Alegre, nas décadas de 1980 e 1990. A pronúncia retroflexa parece estar relacionada, entre outros aspectos, a contextos que compartilham propriedades fonéticas com essa variante, sugerindo alguma motivação assimilatória para sua emergência. Identificaram-se, além disso, diferenças significativas no uso do retroflexo entre as cidades analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Porto Alegre. Róticos. Retroflexo.

ABSTRACT: This study addresses the use of rhotics in coda position in the Metropolitan Area of Porto Alegre, particularly the retroflex articulation, from the perspective of Variationist Sociolinguistics (Labov, 1966, 1972). The study comprises 45 interviews from the Ricardo-Schwindt corpus, covering 5 cities in the area. The results indicated a low presence of retroflex rhotic in the Metropolitan Area compared to other varieties of Brazilian Portuguese, but a significant increase when compared to its use in the capital, Porto Alegre, in the 1980s and 1990s. Retroflex pronunciation seems to be related, among other aspects, to contexts that share phonetic properties with this variant, suggesting some assimilatory motivation for its emergence. Furthermore, significant differences were identified in the use of retroflex between the cities analyzed.

KEYWORDS: Language variation. Porto Alegre. Rhotics. Retroflex.

Artigo recebido em: 28.08.2023

Artigo aprovado em: 19.10.2023

* Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRGS. julia_ricardo@yahoo.com.br

** Doutor pela PUC/RS. professor na UFRGS, bolsista de produtividade do CNPq 309576/2022-9. schwindt@ufrgs.br

1 Introdução

Este artigo trata da variante rótica retroflexa em coda (ex. ca[ɻ]ta, calo[ɻ]) na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1966, 1972). Este estudo se insere em um amplo conjunto de pesquisas sociolinguísticas (Callou; Moraes; Leite, 1996; Monaretto, 1997; Oushiro; Mendes, 2013, entre outras) que buscam descrever e explicar a diversidade fonética encontrada na realização da consoante rótica em posição de coda no português brasileiro (PB), que está relacionada tanto a fatores de ordem linguística quanto social, principalmente geográficas¹.

No estado do Rio Grande do Sul e, de modo específico na capital Porto Alegre, em que a variante predominante é o tepe alveolar, o rótico retroflexo restringia-se a 5% das ocorrências nos anos de 1980 e 1990 (Monaretto, 1997). O interesse em analisar as cidades que circundam Porto Alegre, e formam a RMPA, parte de observações informais de oitiva da percepção de emprego expressivo dessa variante na região, contrastando com o uso característico da capital. Em vista disso, levantou-se a necessidade de apresentar um panorama atual da realização de róticos em coda, com foco principal na presença da variante retroflexa.

Nessa perspectiva, nosso objetivo é descrever a realização do rótico em coda considerando dados de uma amostra constituída de 45 entrevistas, correspondentes a cinco cidades que integram o *corpus* Ricardo-Schwindt². De modo particular, o foco desta análise voltou-se para a descrição da variante retroflexa e dos fatores linguísticos

¹ Este texto resume e amplia a análise proposta na dissertação de mestrado intitulada “Rótico retroflexo em coda na Região Metropolitana de Porto Alegre: análise variacionista”, defendida pela primeira autora sob orientação do segundo autor.

² O *corpus* Ricardo-Schwindt reúne entrevistas sociolinguísticas da Região Metropolitana de Porto Alegre, que se constitui de 34 municípios numa área territorial de 10.345,45 km², a quinta maior do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Teve sua coleta iniciada em 2020, durante a pandemia de Covid-19, e encontra-se em fase de ampliação e organização dos dados para possível integração ao Projeto VARSUL.

e sociais que estão relacionados à sua presença na região em questão. A hipótese de base é a de que a frequência de uso dessa variante cresceu em relação à última década quando se considera o município de Porto Alegre como um todo. Esse crescimento, a rigor, é percebido nas cidades que compõem a RMPA mais do que na capital propriamente dita³. Fundamentadas na literatura, estatisticamente conduzidas, as hipóteses linguísticas para o uso dessa variante são de natureza fonético-fonológica e léxico-morfológica, enquanto as sociais referem-se à idade e localidade.

O artigo está estruturado como segue. Na seção 2, a seguinte, a partir da caracterização da variação investigada, propomos uma revisão sobre os trabalhos que serviram de referência para este estudo. Na seção 3, apresentamos a metodologia empregada na análise, caracterizando a amostra e as variáveis consideradas. Na seção 4, apresentamos e discutimos os principais resultados da análise. Por fim, retomamos os principais achados deste estudo, discutindo suas limitações e projetando perspectivas.

2 O rótico retroflexo

A consoante rótica em posição de coda no PB, que aqui assumimos, em termos representacionais, como realização do fonema /r/, na perspectiva de Câmara Jr. (1970), apresenta elevado grau de polimorfismo⁴. São atestadas na língua variantes de diferentes modos e pontos de articulação, sendo as mais recorrentes tepe alveolar, aproximante retroflexa, fricativa velar e fricativa glotal (ex. mulhe[r] ~ mulhe[ɻ] ~

³ Não é possível se estabelecer uma avaliação objetiva sobre crescimento no uso da variante retroflexa no município de Porto Alegre, seja porque a amostra de Monaretto (1997) não inclui dados da Região Metropolitana, seja porque nossa amostra não inclui dados da capital. A esse propósito, porém, Rockenbach e Battisti (2020), em estudo sobre apagamento de róticos em coda na capital, justificam, em nota de rodapé, a não inclusão de retroflexas na análise, devido à sua baixa ocorrência.

⁴ Ainda que não seja crucial para os argumentos desenvolvidos neste texto, assumimos que as representações fonéticas de róticos em coda no PB correspondem a uma representação abstrata comum (Schwindt; Chaves, 2019). O argumento é, sobretudo, o de que, independentemente da articulação assumida por essa consoante na enunciação, quando ressilabificada, converge para uma variante típica de posição de onset, comumente o tepe alveolar (ex. co[r~ɻ~x~h] → co.[r]azul).

mulhe[x] ~ mulhe[h]), entre outras configurações, como vibrante, tepe retroflexo, fricativas faringal e uvular e até mesmo a não realização, por alguns tratada como apagamento (Silva, 2003). Callou, Moraes e Leite (1996), em análise de cinco capitais brasileiras — Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Recife —, mostram que a distribuição das variantes do rótico está relacionada a questões geográficas: Porto Alegre e São Paulo se caracterizam por variantes [+anteriores], como a vibrante alveolar, o tepe e o retroflexo; no Rio de Janeiro e em Salvador, a variante fricativa velar é a que apresenta maior percentual; em Recife, o rótico é mais frequentemente produzido como uma fricativa glotal. Os autores apontam, portanto, que essa grande variação encontrada para o rótico no PB é aspecto marcante na diferenciação dialetal (p. 465).

A variante retroflexa é uma das possibilidades de articulação que podemos encontrar para o fonema rótico do PB na posição de coda (ex.: a[ɻ]tigo, suo[ɻ]) ou, mais raramente, em encontros consonantais (ex.: p[ɻ]ocesso). Do ponto de vista articulatorio, o rótico retroflexo é caracterizado pelo encurvamento da ponta da língua em direção à parte posterior do trato oral e pode ser realizado como um tepe retroflexo ou como uma aproximante retroflexa (Silva, 2003) — duas articulações indistintas para fins dos propósitos deste texto, agrupadas aqui pelo rótulo genérico *retroflexo*⁵. Esse movimento da língua em direção ao palato faz com que essa variante seja considerada, articulatoriamente, um som mais posterior do que alveolar, como sugere Maia (1985). Em consonância, Oushiro e Mendes (2013), ao explicarem o favorecimento do retroflexo na fala de descendentes de nordestinos em São Paulo, que também

⁵ Alguns autores colocam em xeque a postulação de apenas duas possibilidades articulatorias para esse rótico, argumentando em favor da ideia de que diferentes articulações também estão sob o guarda-chuva do que, auditivamente, se designa por R retroflexo. Rennie (2016), a título de exemplo, aponta para a existência de variantes auditivamente percebidas como retroflexas na fala de mineiros (ainda que articulatoriamente não apresentem tal característica). Por consequência, defende a proposição do termo *aproximantes róticas* em substituição a *variantes retroflexas*. Cientes dessa controvérsia, que escapa à abordagem específica deste trabalho, adotamos, em transcrição fonética ampla, o símbolo do IPA referente à articulação aproximante para designar qualquer dado de rótico retroflexo de nossa amostra, expediente adotado em grande parte da literatura na área.

apresenta variantes [+posterior] em seu *input*, afirmam que o rótico retroflexo “linguisticamente, se aproxima mais da variante aspirada por ser um segmento [-anterior], relativamente ao tepe” (p. 83).

A essa variante também foi cunhado o apelido *r caipira* que, embora não se tenha registro de quando foi primeiramente usado, tem como uma de suas referências a relação estabelecida entre o som e o modo de vida retratado no livro *O Dialeto Caipira* (Amaral, 1920), que descreve a linguagem de comunidades rurais da antiga província de São Paulo, cujo estilo se designa como *caipira*. Estudos de atitudes linguísticas mostram que ao rótico retroflexo conferiu-se um aspecto de variante estigmatizada, relacionada a pessoas de fora de centros urbanos e de menor escolaridade, apesar de nem sempre esse uso estar em concordância com esse padrão sociolinguístico, de modo que a variante pode ser encontrada em todas as faixas etárias, independentemente do grau de instrução e do gênero dos falantes (Leite, 2010; Aguilera; Silva, 2015).

Do ponto de vista da Sociolinguística, no Brasil, o rótico retroflexo tem sido amplamente analisado em diferentes comunidades de fala, e sua presença é verificada em diversas regiões do Brasil, em maior ou menor expressão (Brandão, 2007), motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

No que concerne às variáveis linguísticas, as pesquisas são divergentes em suas considerações. Guiotti (2001) encontrou 71% de realização do rótico retroflexo na cidade de São José do Rio Preto, localizada no interior do estado de São Paulo. A autora afirma que, linguisticamente, o retroflexo é mais frequentemente encontrado após vogais posteriores e no final de vocábulos, especialmente antes de pausas. Aguilera e Silva (2011) apuraram 46% de ocorrências do rótico retroflexo em Lavras (MG), com uma maior incidência do som em coda interna. Oushiro e Mendes (2013), ao analisarem a variação de /r/ na cidade de São Paulo, verificaram uma porcentagem de 33,2% de aplicação da variante retroflexa. O som foi mais frequentemente encontrado quando precedido por vogais de traço [-alto], sucedido por consoantes de traço

[coronal], em sílabas tônicas, em posição final de palavra e em verbos e advérbios. Como um simples olhar amplo sobre esses trabalhos já permite constatar, não há consenso em relação às variáveis linguísticas que respondem pela emergência do rótico retroflexo em coda na língua. Mesmo no caso do contexto precedente — um condicionador relativamente consensual na literatura —, as pesquisas são divergentes sobre a forma como essa variável se relaciona com o retroflexo, se por altura ou posterioridade.

Em âmbito extralinguístico, a literatura, de modo geral, registra uma correlação entre a maior frequência de uso do rótico retroflexo e fatores sociais próprios de comunidades de fala. Skeete (1997) mostrou que a realização dessa variante em João Pessoa (PB), que é bastante baixa, está restrita à fala de homens, pessoas analfabetas e pessoas mais velhas. Guiotti (2001) afirma, para a comunidade de São José do Rio Preto (SP), que mulheres e pessoas de classe mais baixa foram as que mais realizaram o som retroflexo. No estado do Rio de Janeiro, em que o /r/ retroflexo tem presença interessante em 13 comunidades fluminenses do interior (43% segundo Brandão, 2009), há uma associação entre a variante e comunidades rurais, em contraste com sons velares e glotais da capital, à semelhança do estudo sobre João Pessoa, acima citado. Aguilera e Silva (2011) mostram um favorecimento do retroflexo na fala de pessoas mais jovens e de pessoas do sexo masculino. Oushiro (2015) mostrou que a variante está mais presente na fala de pessoas do sexo masculino, de moradores de bairros mais periféricos e de menor mobilidade social. Tal resultado parece refletir uma tendência de que falantes com maiores condições econômicas e de rede social mais abrangente tendem a evitar o uso do retroflexo. Ainda, o retroflexo é pouco frequente na fala de moradores mais enraizados em São Paulo, sendo mais presente na fala de filhos de migrantes nortistas e nordestinos, o que parece indicar uma tentativa de adaptação do sotaque de origem àquele entendido como padrão da comunidade.

No que diz respeito ao estado do Rio Grande do Sul, diferentes trabalhos (Monaretto, 1997; Brescancini; Monaretto, 2008; Koch *et. al.*, 2002; entre outros) são

unânicos em afirmar que o retroflexo está presente de forma pouco expressiva no estado. Destacamos Monaretto (1997) que, em análise de dados dos anos de 1980 e 1990 do Banco Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL)⁶, encontrou, para posição de coda, apenas 5% de ocorrências do rótico retroflexo em Porto Alegre. Embora a autora não tenha analisado especificamente essa variante, destacamos algumas informações importantes referentes a contextos em que o retroflexo apareceu de forma mais frequente: depois de vogais dorsais, antes de consoante não homorgânica, em sílabas tônicas e na fala de homens e pessoas mais jovens.

Apesar da pouca incidência de retroflexos na capital registrada na literatura, este estudo nasce da suspeita, por oitiva influenciada, de que seu uso seja importantemente mais frequente na RMPA. A partir da necessidade de tomar o português falado atualmente na RMPA como objeto de análise e da falta de dados que pudessem servir a esse propósito, propusemos a constituição do *corpus* Ricardo-Schwindt. Maiores informações sobre esse *corpus* e sobre a região estudada, bem como sobre a metodologia empregada para essa pesquisa, são apresentadas na seção seguinte.

3 Metodologia

A comunidade alvo deste estudo são as cidades sob a abrangência do que se designa como área metropolitana do município de Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul, neste texto referida como RMPA. Composta por 34 municípios, estabeleceu-se em 1974, visando à realização de serviços públicos de interesse comum para 14 cidades que formavam um mesmo conglomerado populacional e econômico: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Viamão (as outras 20 cidades foram integradas posteriormente, entre 1989 e 2012). A

⁶ <https://www.varsul.org.br>

RMPA é marcada por uma grande mobilidade populacional decorrente da integração de serviços e empregos (principalmente indústrias), o que faz, muitas vezes, com que os habitantes residam em um município, mas realizem atividades de trabalho em outro.

Os dados analisados neste trabalho são provenientes de 45 entrevistas sociolinguísticas, de uma hora de duração, do *corpus* Ricardo-Schwindt, referente a cinco cidades da RMPA⁷. As entrevistas analisadas foram coletadas entre 2020 e 2021, de forma presencial, majoritariamente na residência dos participantes, utilizando-se um gravador H4N Zoom e um telefone celular (como gravador complementar)⁸. Todos os 45 participantes nasceram ou moraram ao menos dois terços da sua vida em um das cidades da RMPA, estavam morando atualmente na cidade e não residiram fora do Rio Grande do Sul durante o período de aquisição de sua língua materna. Esses sujeitos foram estratificados de acordo com duas variáveis sociais, *faixa etária* (20 a 39 anos, 40 a 54 anos, 55 anos ou mais) e *cidade* (Viamão, Canoas, Gravataí, Sapucaia do Sul, São Leopoldo). A combinação dos fatores dessas duas variáveis sociais resultou em 15 perfis sociolinguísticos, para cada um dos quais foram selecionadas 3 entrevistas.

A variável *faixa etária* apresenta papel importante no entendimento de diversos fenômenos, na medida em que pode indicar movimentos de mudança no sistema linguístico (Labov, 1972). A investigação da frequência de uso, do rótico retroflexo neste caso, em relação à idade dos sujeitos da pesquisa pode revelar tendências de direção da variação, sinalizando para estabilidade, desaparecimento ou incorporação da variante. Ainda, importa mencionar que, embora o *corpus* tenha sido estratificado

⁷ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o CAAE: 31538620.0.0000.5336.

⁸ No período da coleta, o mundo enfrentava a pandemia de COVID-19. Por isso, foram tomados cuidados especiais durante as entrevistas: os participantes, bem como a entrevistadora, utilizaram máscaras de proteção; os materiais utilizados (gravadores, canetas etc.) foram higienizados com álcool 70% antes de cada entrevista e respeitou-se uma distância de 2 metros entre entrevistadora e participante.

por faixas etárias, para a análise estatística consideramos a idade de cada informante, objetivando uma análise mais precisa desse fator, entendido como central para nosso estudo.

Oushiro (2014) afirma haver um comportamento linguístico divergente no que concerne à realização variável de /r/ em coda entre regiões centrais e regiões periféricas na cidade de São Paulo. *Mutatis mutandis*, aplicamos essa observação da autora à distinção que investigamos entre a capital, centro socioeconômico da região, e os municípios que constituem a RMPA. As cidades analisadas se configuram em distâncias diversas da capital do estado, a saber: Viamão, 15 km de distância; Canoas, 20; Gravataí, 30; Sapucaia do Sul, 32; São Leopoldo, 36. Além disso, cada uma, das cinco cidades, foram concebidas em diferentes processos de formação e possuem características socioeconômicas próprias. Ao considerar a variável *cidade*, ensaiamos, de modo não exaustivo, a influência desses diferentes perfis sobre o emprego do retroflexo.

Para a análise, foram coletadas todas as ocorrências que apresentassem rótico em posição de coda, interna ou final, junto com seus contextos adjacentes, como mostra o exemplo “deram certo não”. Além das variáveis sociais *cidade* e *idade*⁹, foram consideradas as variáveis linguísticas que seguem.

Quadro 1 - Variáveis linguísticas consideradas na análise.

Variável	Variantes	Exemplos
1. Contexto fonético precedente	7 vogais orais do PB: [i], [e], [ɛ], [a], [ɔ], [o], [u]	f[i]rma, c[e]rteza, esp[ɛ]rto, t[a]rde, esp[ɔ]rte, [o]rganizado, d[u]rmo

⁹ Por limitações metodológicas, não consideramos, neste recorte, as variáveis *gênero* e *escolaridade*. Reconhecemos, porém, sua importância para a explicação de diversos fenômenos sociolinguísticos — aventamos, por isso, em etapas futuras, sua inclusão na análise.

2. Contexto fonético seguinte	[labial]: [p, b, m, f, v] [alveolar]: [t, d, n, s, z, l, r] [palato alveolar]: [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ] [velar]: [k, g, x] Pausa	a líder [v]ai mar[s]o a mulher [ʃ]amou a car[g]a tava que pavor #
3. Vozeamento do segmento seguinte	[+vozeado] [-vozeado]	cor [b]ege per[t]o, exterior #
4. Tonicidade da sílaba	Sílaba tônica Sílaba pretônica Sílaba postônica	['ku]so [me.ɫ.'ka]do ca['ra.teɫ]
5. Posição da sílaba	Posição nãofinal Posição final	carne, personalidade açúcar, setor
6. Número de sílabas	1 sílaba 2 sílabas 3 sílabas 4 ou mais	mar cartas certeza abertamente
7. Categoria vocabular	Vocábulos lexicais (substantivos, adjetivos, verbos) Vocábulos Funcionais (preposição, advérbio, conjunção, pronome)	vendedor, assustador, discordo por, normalmente, conforme, qualquer
8. Localização morfológica	Na raiz Fora da raiz	hierarquia, organizado amador, eliminar
9. Frequência	$\log 0,6931472-15,3845316^{10}$	alpargata (log 1,7917594) mercado (log 12,7906207)

Fonte: elaborado pelos autores.

Cabem algumas considerações sobre decisões metodológicas tomadas em relação à organização dos dados e das variáveis previsoras. No que concerne à variável *contexto fonético seguinte*, embora tenham sido coletadas, para a análise final não foram

¹⁰ Valores de referências retirados do Corpus Brasileiro (<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>).

consideradas as ocorrências que apresentassem um /r/ em final de palavra seguido de uma vogal (ex.: no seto/r/ onde). Oushiro (2015) afirma que nesses contextos há uma ressilabificação, de modo que o rótico não mais se caracteriza como um contexto de coda silábica e sim como onset da sílaba seguinte, não sendo mais, portanto, um ambiente em que possa ser observada a variação alvo do estudo.

Consideramos também a necessidade de se diferenciarem os dois tipos de processos de apagamento que atingem sons de /r/ em posição final de palavra: um de ordem morfofonológica, que está restrito a verbos, em especial a /r/s que constituem monomorfemas, e outro, de caráter fonético, um fenômeno de enfraquecimento, que não se limita a uma classe de palavras e que parece mais suscetível a influência de fatores sociolinguísticos (Schwindt; Chaves, 2019). Optamos, nesse sentido, por não incluir nesta análise os dados de verbos com rótico em coda final (ex.: quiser, amar, etc), prevalentemente apagados na amostra.

As análises descritiva e inferencial foram realizadas através da Plataforma R (R CORE TEAM, 2023), utilizando-se a interface RStudio (RSTUDIO TEAM, 2022). Os gráficos foram gerados em ggplot2 (Wickham, 2009). Para o modelo final de regressão logística de efeitos mistos, que será apresentado na seção seguinte, *item lexical* e *informante* foram analisadas como variáveis de efeito aleatório.

4 Resultados

Foram encontrados 13.118 contextos de realização variável de /r/ em coda em nossa amostra. O tepe alveolar foi a variante com maior frequência de produção, caracterizando 79,2% das ocorrências. A variante retroflexa representou 10,7% dos dados. Ainda foram encontrados 9,2% de casos de apagamento e 0,9% de dados correspondentes a vibrantes alveolares e sons posteriores, bastante marginais nessa comunidade. A frequência do rótico retroflexo revelou-se baixa quando comparada à variante padrão da comunidade — o tepe alveolar —, indicando que a presença desse som na RMPA ainda é bastante reduzida. Por outro lado, quando confrontamos essa

porcentagem com os 5% encontrados por Monaretto para Porto Alegre nas décadas de 1980 e 1990, uma conclusão possível, salvaguardados os limites do que se compreende por *Porto Alegre* e *RMPA*, é a de que o retroflexo dobrou seu índice de aplicação ao longo desse período.

Para o modelo de efeitos mistos, consideramos todos os 13.118 dados de rótico variável em coda e operamos com uma variável resposta binária: realização do rótico retroflexo *vs.* realização das outras variantes da amostra. Das variáveis apresentadas no Quadro 1, *posição da sílaba* e *tamanho do vocábulo* não foram incluídas no modelo final, pois testes prévios apontaram para a não significância desses grupos de fatores¹¹. Ainda, procedeu-se com a reorganização de algumas das variáveis: o *contexto fonético precedente* foi reestruturado em três níveis, vogais altas, vogais médias-altas e vogais médias-baixas ou baixas¹². A análise, por outro lado, pela perspectiva de avanço ou recuo da língua não apresentou significância para a variação de /r/ (valor-*p* = 0,1768). A *tonicidade da sílaba*, estruturada previamente nas categorias *sílaba pretônica*, *sílaba tônica* e *sílaba postônica*, foi reorganizada na divisão *sílaba tônica vs. sílaba átona*, haja vista a falta de diferença significativa entre os dois contextos átonos (valor-*p* = 0,06143)¹³.

Os resultados do modelo de regressão logística de efeitos mistos que inclui todas essas variáveis encontram-se na Tabela 1.

¹¹ Foram realizados os seguintes testes estatísticos de determinação e validação do modelo: *step.forward*, *step.both*, *step.backward*, *drop.1*, *validate* e *car::vif*.

¹² A decisão por reunir numa mesma categoria vogais médias-baixas e baixas tem como motivação a não constatação, nas análises univariadas, de diferença significativa entre esses dois níveis (valor-*p* = 0,514).

¹³ Estamos assumindo, para as análises estatísticas aqui apresentadas, um valor de alfa = 0,05.

Tabela 1 - Preditores para a realização do rótico retroflexo nos dados da RMPA.

Preditores		Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-p	N	Total	%
<i>Intercept</i>		-6.22	1.06	-5.86	<0.001			
Contexto fonético precedente	alta	(referência)				168	4187	4
	média-alta	0.58	0.19	3.02	0.003	487	4593	11
	média-baixa	1.39	0.19	7.25	<0.001	753	4338	17
	baixa							
Contexto fonético seguinte	labial	(referência)				208	2449	8
	alveolar	0.78	0.13	5.77	<0.001	631	4922	13
	palato alveolar	0.85	0.17	5.13	<0.001	266	1521	14
	velar	0.27	0.17	1.55	0.120	154	3615	4
	pausa	1.74	0.20	8.86	<0.001	149	611	24
Vozeamento do segmento seguinte	desvozeado	(referência)				647	7807	8
	vozeado	1.05	0.11	10.03	<0.001	761	5311	14
Tonicidade da sílaba	átona	(referência)				551	7900	7
	tônica	0.59	0.12	4.77	<0.001	857	5218	15
Categoria vocabular	funcional	(referência)				1551	352	4
	lexical	0.61	0.21	2.96	0.003	1253	9592	13
Localização Morfológica	dentro da raiz	(referência)				1316	12630	10
	fora da raiz	0.45	0.20	2.18	0.029	92	488	19
Cidade	Viamão	(referência)				87	2813	3
	Canoas	1.07	0.80	1.35	0.178	235	2575	9
	Gravataí	1.65	0.79	2.07	0.038	358	2664	13
	Sapucaia	2.23	0.79	2.82	0.005	484	2422	20
	São Leopoldo	1.31	0.79	1.65	0.099	244	2644	9
Idade		-0.03	0.02	-1.64	0.100			
Frequência		0.02	0.02	1.14	0.253			

Efeitos aleatórios

σ^2	3.29
τ_{00}	0.56 <small>item lexical</small>
τ_{00}	2.61 <small>informante</small>
ICC	0.49
N	1444 <small>item lexical</small>
N	45 <small>informante</small>
Observations	13118
R ² Tjur	0.261 / 0.623
AIC	6109.006

modelo1 = realizacao ~ contexto.precedente + contexto.seguinte + sonoridade.contexto.seguinte + tonicidade + cat.vocabular + locmorfologica + cidade + frequencia + idade + (1|vocabulo) + (1|informante)

Fonte: autoria própria.

De acordo com o modelo, têm efeito sobre a realização do rótico retroflexo em nossa amostra as variáveis *contexto fonético precedente*, *contexto fonético seguinte*, *vozeamento do segmento seguinte*, *tonicidade da sílaba*, *localização morfológica*, *categoria vocabular* e *cidade*. Com a inclusão das variáveis aleatórias *informante* e *item lexical*, as variáveis *frequência lexical* e *idade* perdem efeito neste modelo. Os valores destacados na coluna *valor-p* indicam quais níveis de cada variável apresentaram correlação significativa (positiva ou negativa) com a realização da variante retroflexa.

Relativo à variável *contexto fonético precedente*, vogais médias-altas e médias-baixas ou baixas apresentaram correlação positiva com a realização da variante retroflexa em relação ao nível de referência (vogais altas). Como apontado por Oushiro (2015), o retroflexo se caracteriza como um som [-alto] em relação ao tepe e, portanto, haveria uma preferência por um contexto semelhante. Acreditamos ser essa a motivação para a seleção de vogais que também apresentam traço [-alto] como positivamente correlacionadas com a realização da variante retroflexa. Ainda, há uma diferença significativa entre as estimativas desses níveis (0.58 e 1.39, respectivamente), indicando que a realização do retroflexo está associada à altura da vogal adjacente mas que, não apenas essa variante é sensível a uma vogal [-alta], como também é favorecida na medida em que o traço [+baixo] se manifesta com maior força.

No que concerne ao *contexto fonético seguinte*, em comparação a consoantes labiais, foram considerados positivamente significativos em nosso modelo os contextos de consoantes alveolares, palato alveolares e a pausa. Consoantes velares não apresentaram significância estatística para o modelo. A seleção de consoantes coronais parece indicar, novamente, uma predileção por contextos que se assemelham a propriedades do retroflexo que, entre outros aspectos, caracteriza-se como um som alveolar. O contexto de pausa, contudo, apresentou a estimativa mais positiva dentre

os três analisados. A explicação para isso pode estar no fato de os participantes terem usado esse recurso para destacar contextos de ênfase a ideias ou palavras, ambientes caracterizados por proeminência e reforço fonético, como se observou nas gravações.

Em relação ao vozeamento do segmento seguinte, o modelo indicou uma correlação positiva entre a presença de vozeamento subsequente ao rótico e sua articulação retroflexa¹⁴. O rótico retroflexo, dada a sua caracterização como um som [+vozeado], relaciona-se em princípio a segmentos seguintes também [+vozeado]. Essa preferência, contudo, não se estende para todos os contextos. Ao investigarmos a possível interação entre vozeamento e contexto fonético seguindo o rótico, vozeamento se mostra significativo apenas no caso de consoantes alveolares e velares.

A tonicidade da sílaba em que o rótico está inserido também se mostrou significativa em nosso modelo, com uma indicação positiva para a realização da variante retroflexa quando em contexto de sílaba tônica. A variante retroflexa caracteriza-se também por alta saliência fonética, comparável com a que se observa para vogais. Em consonância com os resultados obtidos até o momento, aventamos que esse favorecimento explique-se assimilatoriamente, ou seja, privilegiando contextos de maior sonoridade, à semelhança do que em dada medida sugerem os trabalhos de Monaretto (1997) e de Oushiro e Mendes (2013).

As variáveis *categoria vocabular* e *localização morfológica* também foram apontadas como significativas pelo teste de regressão logística. Trata-se de um resultado inesperado, dado que fenômenos de ordem fonética mais raramente se sujeitam à influência de fatores morfológicos.

Em relação à *categoria vocabular*, os vocábulos lexicais, em comparação aos funcionais, mostram-se favorecedores à realização do retroflexo. Ao olharmos para os 30 *types* que compõem o grupo de palavras funcionais, vemos que a baixa ocorrência do retroflexo não é uniforme: dos 30 itens, 17 não apresentam realização de retroflexo;

¹⁴ Uma vez que a distinção feita para essa variável dá conta da presença ou não de vibração das pregas vocais, o contexto de pausa foi amalgamado com a categoria *desvozeado*.

dos 13 restantes, 6 deles apresentam porcentagem acima de 10%, sendo 3 com porcentagem acima de 25%. Além disso, alguns vocábulos que se classificam como funcionais ou lexicais em nossa amostra, a depender do contexto, como *certo* e *melhor*, divergem de comportamento. Em relação a esses exemplos, o primeiro mostra-se sensível à sua categoria vocabular, apresentando diferentes porcentagens quando pronome ou adjetivo; o segundo apresenta alta frequência de realização do rótico independentemente do contexto em que seja produzido. Chama a atenção, portanto, a maneira com que a variável *categoria vocabular* atua no processo. Sendo sua estimativa fraca, embora haja uma correlação significativa, nos parece que o fato de ser uma palavra funcional ou lexical pode estar atuando secundariamente.

Em relação à variável *localização morfológica*, sobressaem-se os contextos de retroflexo enquanto parte de um morfema em comparação aos contextos em que integra a raiz. Para entender melhor esse resultado, detalhamos na Tabela 2 os afixos encontrados em nossa amostra.

Tabela 2 - Realização do rótico retroflexo: afixos.

Tipo de Afixo	Aplic./N	%	Afixo	Exemplos
Prefixo	3/75	4	inter-, orto-, per-, por-, super-, term-	interferir, interligado, internacional, ortodontia, ortografia, perseguição, pormenores, supermercado, termelétrica
Sufixo Derivacional	83/393	21,1	-ar, -or, -dor, -tor, -er, -ert-	alimentar, titular, paladar, amor, supervisor, louvor, amador, fiador, corredorzinho, diretor, eleitor, corretor, gamer, rapper, descoberto
R deverbal	5/18	27,8	-ar	ter, estar, passar, olhar, querer, parecer, andar, decorrer
Subjuntivo infinitivo flexionados	e 1/2	50	-r	chegarmos, almoçarmos
total	92/488	19		

Fonte: Ricardo (2022).

Como é possível notar, a aplicação de 19% encontrada para as palavras com rótico fora da raiz não se distribui uniformemente quando os afixos são especificados. Prefixos apresentam uma realização bastante baixa. As maiores porcentagens podem ser encontradas em sufixos derivacionais e em casos em que o verbo foi nominalizado — estes últimos tendo perdido status de infinitivo verbal, contexto quase categórico de apagamento e excluído de nossa análise, como vimos na seção de metodologia. O baixo número de dados de infinitivos e subjuntivos flexionados não nos permite fazer afirmações sobre seu papel nos resultados. Como se vê, os contextos que aqui abordamos como afixais caracterizam-se em sua maioria por apresentar rótico na posição final do vocábulo, ao contrário do que ocorre nos contextos que tratamos como internos à raiz, em que o rótico se aloca predominantemente em coda medial. Isso poderia sugerir que posição na sílaba se sobrepõe à hipótese sobre localização morfológica do rótico¹⁵. Contudo, essa última variável, em diferentes combinações, não foi considerada significativa em nenhuma de nossas rodadas. Trata-se, portanto, de variável que merece aprofundamento.

No que tange às variáveis sociais analisadas, a realização de retroflexo apresentou-se como significativa nas cidades de Sapucaia do Sul e Gravataí, em relação à Viamão (esta última a variável de referência, escolhida por sua proximidade com a capital). Esse resultado parece indicar a necessidade de estabelecermos certo cuidado em tratar o conjunto de municípios que estão sob a denominação de RMPA como parte de uma única comunidade linguística, uma vez que algumas cidades mais distantes da capital apresentam comportamento linguístico importantemente diferente. Frente a isso, lançamos mão das considerações de Oushiro (2015), que

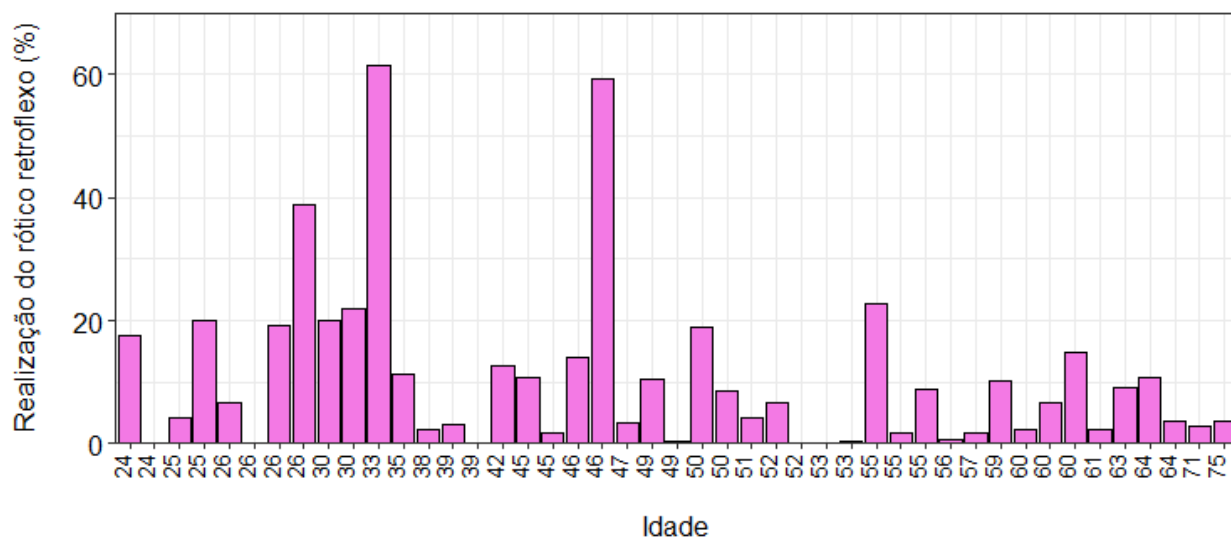
¹⁵ Essa ideia é reforçada pelo teste de significância, que aponta não haver diferença na realização de rótico fora ou dentro de raiz em contexto medial (valor- $p = 0,1582$). Olhando apenas para as codas finais, a regressão univariada apontou para significância na variável *localização morfológica*, indicando que, na prática, a realização de /r/ retroflexo poderia diferenciar as palavras “maior” (rótico localizado na raiz) e “desesperador” (rótico localizado em um afixo). Essa diferença é, contudo, anulada quando considerado o *item lexical* como variável aleatória.

apontou para um comportamento oposto dos jovens em relação à variante retroflexa a depender do bairro de residência: um aumento da frequência da variante na fala de jovens residentes de bairros periféricos e, em contrapartida, uma diminuição na fala de jovens residentes de bairros centrais. Ainda, somamos a isso a ponderação de Silva (2016), que chama a atenção para a diferença no padrão de variação rótica na cidade de São Paulo se comparada a outras cidades da região metropolitana do estado. A autora registra que, quanto mais longe da capital, mais esse padrão se distancia do padrão ali empregado. Nossos dados parecem confirmar os achados de Oushiro (2015) e Silva (2016).

Interessa notar também que, como indicado em Jardim e Barcellos (2011), houve um aumento significativo da população não natural do Rio Grande do Sul entre os anos 1970 e 2000, principalmente advindos dos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. É possível se hipotetizar que, dadas as características de cidades como Gravataí e Sapucaia — que apresentam um forte setor industrial —, o processo migratório tenha sido mais acentuado, resultando em maior contato com outras variedades do PB. Essa possível explicação iria ao encontro de propostas que versam sobre a disseminação do rótico retroflexo como resultado de expansões bandeirantes em décadas passadas (Silva Neto, 1963; Amaral, 1920).

A variável *idade*, de grande importância para nosso estudo, por outro lado, não se mostrou significativa na análise multivariada. Contudo, a análise descritiva indica que essa informação não deva ser totalmente descartada. É o que se pode ver no Gráfico 1, que apresenta a porcentagem de realização do som retroflexo de todos os informantes da amostra, apresentados em ordem crescente de idade.

Gráfico 1 - Realização do rótico retroflexo em relação à idade.



Fonte: Ricardo (2022).

É possível perceber uma tendência de curva descendente à medida que a idade avança, ainda que essa curva não seja uniforme. Embora não seja possível afirmar que a variante retroflexa é significativamente mais realizada por jovens do que por pessoas mais velhas, essa curva assinala uma predisposição para tal configuração e, conseqüentemente, pode ser um indício de que o retroflexo esteja crescendo na amostra em análise. É possível também que, por limitação na quantidade de participantes para cada idade, a diferença verificada no gráfico e observada ao longo de nossa coleta não tenha sido captada pelas análises estatísticas. Essa discrepância, assim, entre nossa intuição e a análise inferencial pode estar sinalizando para uma limitação metodológica mais do que propriamente de abordagem do fenômeno.

Na medida em que se percebeu uma diferença de comportamento entre as cidades no que concerne à frequência da realização da variante retroflexa, rodamos modelos semelhantes ao apresentado na Tabela 1, mas nos quais consideramos cada cidade como uma comunidade. Constatamos, a partir desse exercício, que a variável *idade* alcançou significância estatística para a cidade de Sapucaia do Sul, local que apresentou também a maior frequência de realização do retroflexo. O resultado apontou que, à medida que a idade avança, há uma tendência de menor realização do retroflexo. Esse resultado está, em parte, relacionado à distribuição de idades absolutas

para cada cidade, captada na abordagem contínua dessa variável, mas não necessariamente refletida no recorte categórico de faixa etária empregado na estratificação de nossa amostra¹⁶.

5 Palavras finais e desafios futuros

Neste texto apresentamos os resultados da análise da variação do rótico em coda na RMPA, com interesse particular na presença da variante retroflexa, utilizando dados de 45 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados em construção Ricardo-Schwindt. Nosso objetivo principal voltou-se para a descrição dessa variante e dos fatores linguísticos e sociais relacionados a sua presença na região em questão. Atestaram-se 10,7% de róticos retroflexos na comunidade analisada. Esse índice mostra, por um lado, o emprego reduzido da variante na comunidade se comparada a outras variedades da PB, mas, por outro, contrasta importantemente com os valores encontrados para a capital em décadas anteriores.

Analisando as variáveis linguísticas selecionadas, é possível perceber que, embora as estimativas dos fatores não sejam capazes de tornar o *intercept* positivo, de modo geral, a pronúncia do retroflexo parece estar, entre outros aspectos, relacionada a contextos que compartilham propriedades fonéticas com o rótico, sugerindo caráter assimilatório dessa variação. Do ponto de vista das variáveis linguísticas, por exemplo, a variante é favorecida depois de vogais que apresentam traço [-alto], antes de pausas e de consoantes coronais e sonoras e em sílabas tônicas. Também favorecem a emergência do retroflexo vocábulos lexicais e a presença do rótico fora da raiz. Além disso, percebeu-se um comportamento dissemelhante entre os municípios analisados, tendo em vista que duas cidades apresentaram diferenças significativas em suas porcentagens de realização da variante em relação às demais. A variável *idade*, embora

¹⁶ Por exemplo, o peso para 26 anos, nossa primeira faixa etária em termos de estratificação da amostra, define-se primordialmente pelo contraste entre Viamão e Sapucaia, cidades que se opõem em termos de aplicação geral do fenômeno.

não seja relevante para a amostra como um todo, mostra-se significativa para uma parcela dos dados, em particular para a cidade de Sapucaia do Sul.

Com este trabalho buscamos contribuir para os estudos dos róticos no PB ao descrever o uso de uma variante ainda não pesquisada em dados da comunidade analisada. Assumimos como desafio futuro a ampliação da amostra, o que, além de permitir afirmações mais seguras sobre as variáveis investigadas, possibilitará explorar o papel de variáveis sociais referidas em alguns estudos como significativas e que aqui não puderam ser analisadas, como *gênero*, *escolaridade* e *origem dos pais*. Nessa direção, percebemos a necessidade de aprofundamento da investigação do valor social – em associação ao e para além do estrutural – no condicionamento da emergência da variante retroflexa na RMPA.

Referências

AGUILERA, V.; SILVA, H. C. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, n. 8, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7962>

AGUILERA, V.; SILVA, H. C. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 14. n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1237>. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42490>

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo, 1920.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -r retroflexo. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**. Londrina, v. 10, n. 2, 2007. DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2007v10n2p265>

BRANDÃO, S. F. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 1. 2017. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v7i1.52615>

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 51–66, 2008.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3041>.
DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2008v11n2p51>

CALLOU, D. *et al.* Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (ed.). **Gramática do Português Falado**. v. VI. Campinas, UNICAMP, 1996. p. 465-493.

CÂMARA Jr. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1970

GUIOTTI, L.P. O uso da variante retroflexa na fala de São José do Rio Preto. **Estudos Lingüísticos**. São Paulo. p. 1-4, 2001. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/Cil30b.htm>

JARDIM, M. de L.; MACEDO DE BARCELLOS, T. M. Migrações no Rio Grande do Sul. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 326–341, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/6286>.

KOCH, W.; KLASSMAN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. v. 2. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002

LABOV, W. **The social stratification of (r) in New York City Department Stores**, 1966.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

LEITE, C. M. B. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Tese de doutorado. Universidade de Campinas. Campinas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/268968>

MAIA, E. M. **No reino da fala: a linguagem e seus sons**. São Paulo: Ática, 1985.

MONARETTO, V. N. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, vol. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. **Scripta**, v. 20, n. 38, p. 70-97, 2016. DOI <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n38p70>

ROCKENBACH, L. M; BATTISTI, E. Produção e percepção do apagamento variável de /R/ em coda silábica no Português de Porto Alegre (RS). **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4. 2021. DOI <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id426>

SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. Convergência de processos no apagamento de /R/ em português e espanhol. **Revista Linguística**. Montevideo: ALFAL, v. 35-1, p. 129-147, 2019. DOI <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20190007>

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 4. ed., 2003.

SILVA, H. C. **Pelas veredas do /R/ retroflexo**. 2016 Tese de doutorado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; MEC, 1963.

SKEETE, N. A. O uso variável de vibrante na cidade de João Pessoa. **Graphos**, vol. 2, n. 1, p. 77-96, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2023. Disponível em: <https://www.R-project.org>.

RSTUDIO TEAM. **RStudio: Integrated Development for R**. RStudio, PBC, Boston, MA, 2022. Disponível em: <http://www.rstudio.com>.

WICKHAM, H. **Ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis**. 2nd Edition. Springer, New York, 2009. DOI <https://doi.org/10.1007/978-0-387-98141-3>